



informações

canil municipal

contactos

Rua Joana Forjaz Pereira [junto à
estação de caminhos de ferro]
4520 - Santa Maria da Feira
tel 256 373 862
e-mail
veterinario.municipal@cm-feira.pt
blogue
http://canilmunicipaldafeira.blogs
pot.com
site
http://www.cm-feira.pt/portal/site/
cm-feira/ambiente-obras-municipais/

horário de funcionamento

dias úteis 09h00 » 12h00 e 13h00
» 16h00

vacinação e microchip

ter. e qui. 09h00 » 12h00

tabela taxas [preço por animal 2009]

vacinação anti-rábica 4,40 euros
boletim de vacinas 0,50 euros
microchip 12,60 euros

tema do mês

displasia da anca em cães

O que é a displasia da anca?

Esta doença é definida como uma deformação da articulação coxofemoral (anca) que se desenvolve durante o período de crescimento. Vários factores causam o seu aparecimento, como factores genéticos, excesso de peso e de exercício no período de crescimento, e todos eles contribuem para a incongruência da articulação. À medida que o cão exerce peso sobre esta articulação durante a sua actividade física normal, pode eventualmente desenvolver-se artrite, caracterizada por várias alterações degenerativas acompanhadas de dor. O grau de dor e claudicação observados está geralmente dependente da extensão das alterações artríticas presentes na articulação coxofemoral.

Existe alguma predilecção de raça para a ocorrência desta doença?

A maioria das raças pode sofrer de displasia da anca embora esta seja detectada predominantemente em raças de maior porte, como o Pastor Alemão, o São Bernardo, o Retriever do Labrador, o Dogue Alemão, o Rottweiler entre outras. Machos e fêmeas são igualmente afectados, não havendo, estatisticamente, predilecção sexual para a sua manifestação.



Quais são os sinais clínicos e quando é que eles ocorrem?

Os sinais típicos de displasia da anca são fraqueza e dor nos membros posteriores, incoordenação no andamento e relutância em se levantar após períodos de descanso. A musculatura dos membros posteriores pode eventualmente sofrer atrofia no decurso da doença. Muitos donos referem que o cão manifestou dificuldade em se levantar de uma posição de decúbito, durante semanas ou meses; claudicação e dor desenvolvem-se subsequentemente. Mais uma vez, a severidade dos sinais e a progressão da doença normalmente estão correlacionados com a extensão da artrite.

Os sinais clínicos podem ter início precoce (4-6 semanas de idade), mas a maioria dos cães têm manifestações de doença entre o primeiro e o segundo ano de idade. Os cães com displasia ligeira e artrite suave podem não manifestar dor antes dos 6 anos de idade.

Como é diagnosticada?

O diagnóstico presuntivo é feito com base na história, raça e sinais clínicos. Um cão de raça grande que tenha tido dificuldade em se erguer durante vários meses e que agora claudica é forte suspeito de sofrer de displasia da anca. Um cão que se recuse a levantar ou a andar também deve ser considerado candidato.

Como existem outras doenças com sinais clínicos semelhantes, o diagnóstico final só pode ser feito mediante achados radiográficos específicos. Para obter as radiografias indicadas, os cães devem ser cuidadosamente posicionados na mesa de radiografia. Este procedimento requer a utilização de anestesia ligeira ou sedação profunda. As radiografias são então avaliadas, detectando-se alterações na conformação e posicionamento dos vários componentes articulares, bem como sinais de alterações degenerativas (artrite) nos mesmos.

Classificação da displasia coxofemural, de acordo com a gravidade

A classificação aceite no nosso país, é a proposta pela Federação Cinológica Internacional (FCI):

Categorias de Displasia Coxofemural
HD - (Categoria A): animal sem displasia
HD +/- (Categoria B): articulação quase normal
HD + (Categoria C): displasia leve
HD ++ (Categoria D): displasia moderada
HD +++ (Categoria E): displasia severa

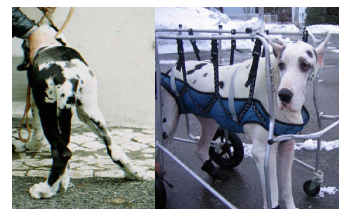
Para se obter um exame conclusivo este exame é feito no animal com 12 meses de idade. Nas raças gigantes, como o Dogue Alemão, São Bernardo, Mastiff e Mastim Napolitano, este exame deve ser feito com 18 meses. Nestes animais em que a tendência à displasia é grande podem realizar exames preliminares a partir dos 7 meses de idade, para que o veterinário possa controlar a doença, impedindo que o cão sinta muita dor.

Como é tratada?

O grau de sinais clínicos e alterações artríticas nas articulações determinam a abordagem específica a cada caso. O tratamento da displasia da anca pode envolver a utilização de medicamentos, cirurgia, ou ambos, juntamente com algumas alterações ao exercício e dieta. As opções são as seguintes:

1. Anti-inflamatórios

Vários medicamentos permitem aliviar a dor e atrasar as alterações degenerativas. Os anti-



Anca Normal



Anca com Displasia



inflatórios não-esteróides (AINE's) são geralmente os que funcionam melhor. Noutros casos usam-se corticosteróides (pertencentes a uma família vulgarmente apelidada de cortisona). A maioria dos anti-inflatórios têm alguns efeitos secundários e por isso a utilização do medicamento mais adequado para o seu cão pode requerer cooperação estreita entre si e o seu veterinário. Infelizmente, não é possível prever que paciente irá responder melhor a cada medicamento. Por isso, podem ser necessárias várias tentativas até encontrar o medicamento mais eficaz para o seu cão.

2. Cirurgia

Existem quatro procedimentos principais: miotomia do pectíneo, osteotomia da cabeça do fémur, osteotomia tripla e substituição total da anca (prótese).

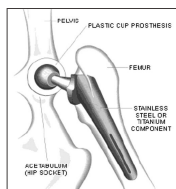
2.1. A **miotomia do pectíneo** é um procedimento relativamente simples que consiste no corte de um pequeno músculo que aumenta a pressão na anca. Não provoca perda de função motora da perna e confere boas melhoras em 80 a 90% dos casos em que é executada. Se as duas ancas estiverem afectadas, podem ser ambas operadas ao mesmo tempo. Os cães recuperam da cirurgia em um a dois dias. No entanto, este procedimento não estabiliza a articulação nem previne a progressão das alterações artríticas. Ao fim de alguns meses ou anos a dor e a claudicação voltam a ocorrer.

2.2. A **osteotomia da cabeça do fémur** é outra opção. A articulação coxo-femoral consiste em duas partes anatomicamente distintas: a cabeça do fémur, de forma quase esférica, e o acetábulo, que tem a forma de uma taça e é parte integrante da estrutura óssea da bacia. Esta cirurgia consiste na remoção da cabeça do fémur. Isto produz excelentes resultados em cães de pequeno a médio porte devido à formação posterior de uma "falsa articulação". No entanto, em cães grandes esta falsa articulação não se forma facilmente e só é realizada se a artrite for severa, se ocorrer luxação (deslocação) da cabeça do fémur ou se o recurso a outras técnicas não for possível.

2.3. A **osteotomia tripla** é um procedimento em que a pélvis é cortada em três locais em torno da articulação coxo-femoral. A posição do osso é alterada para melhorar o alinhamento do acetábulo com a cabeça femoral e em seguida o osso é fixado nesta posição, de modo a permitir um funcionamento mais congruente da articulação, sem deslocação da cabeça do fémur nem dor. Esta cirurgia só deve ser realizada em cães sem alterações artríticas e geralmente com menos de um ano de idade. É importante referir que este é um procedimento caro.



2.4. A **substituição total da anca** é possível, da mesma forma que se realiza em pessoas. A articulação é substituída por duas peças de plástico e aço inoxidável, colocadas nos lugares correspondentes às partes removidas, o acetábulo e a cabeça do fémur. Este procedimento também é caro, mas pode conferir muitos anos de utilização da articulação livre de dor. Embora a intenção seja colocar um implante permanente, a nova articulação pode soltar-se após algum tempo, podendo ser necessário realizar outra cirurgia.



3. Exercício - maneo conservativo

O objectivo da restrição do exercício é impedir certos movimentos que coloquem mais pressão sobre a anca e agravem o processo em cães cujo esqueleto ainda se encontra em crescimento e formação. Quando a maturidade do esqueleto é atingida, por volta dos 12-15 meses de idade, o desenvolvimento muscular irá proporcionar suporte e estabilidade às ancas. Adicionalmente, a remodelação óssea própria da fase de crescimento irá diminuir e a cápsula articular irá ficando mais espessa, o que resulta num aumento da estabilidade articular e numa melhoria dos sinais clínicos, mesmo sem alterações radiográficas que o justifiquem.

Assim, deve-se evitar o exercício em excesso num cachorro em crescimento. Qualquer anomalia na estrutura da articulação é ampliada se o cão correr e saltar excessivamente. Não é necessário tratar o seu cachorro como se ele estivesse debilitado ou incapacitado, mas devem-se evitar longas sessões de corrida, especialmente se estas representarem um grande aumento da dose de exercício diário a que o seu corpo está habituado (como os passeios de fim-de-semana).

Este regime deve ser contínuo até aos 12 a 15 meses de idade, dependendo dos progressos registados. Os resultados desta abordagem são considerados satisfatórios em cerca de 76% dos casos, mesmo sem recurso a cirurgia (quando esta não está indicada) ou medicação permanente. Embora nem todos estes cães tenham a sua função articular e grau de movimento completamente normais, e alguns manifestem dor à manipulação da anca, os donos consideram que o problema não afecta significativamente a qualidade de vida dos seus cães.

4. Alimentação

Existem provas crescentes que indicam que os cães que crescem muito rápido estão mais predispostos ao desenvolvimento de displasia. Muitas entidades recomendam a administração de uma ração de adulto a cachorros de raças de alto risco para que o seu crescimento seja mais lento. Eles irão atingir o tamanho predeterminado pelos seus genes, mas não tão rapidamente. Se o seu veterinário considerar necessário alterar o regime alimentar do seu cão, deve seguir as suas indicações.

Existe ainda a possibilidade de suplementação da dieta com certos medicamentos chamados condroprotectores ou protectores articulares, como o sulfato de condroitina, o ácido hialurónico e os glicosaminoglicanos, entre outros. A sua utilização, embora de capacidade limitada, po-

de ajudar à estabilização da articulação, em conjunto com as medidas terapêuticas referidas anteriormente adoptadas em cada caso.

Se o meu cão tiver displasia da anca devo cruzá-lo?

É possível evitar o desenvolvimento desta doença nos seus descendentes?

A investigação demonstrou que a causa da displasia da anca resulta da combinação de vários factores genéticos e ambientais. É conhecida a hereditariedade desta doença mas a sua componente genética é extremamente complexa. Adicionalmente, factores ambientais como a sobrealimentação e o exercício excessivo podem predispor os cães à displasia da anca, especialmente se estiverem em crescimento. Como a hereditariedade da doença é tão complicada ainda estão por responder muitas questões relacionadas com a sua erradicação. No entanto, existem vários aspectos práticos que pode ter em conta para assegurar que a incidência da doença é reduzida:

01. Quando comprar um cachorro de raça predisposta à doença, certifique-se que os seus progenitores estão registados no Clube Português de Canicultura, devidamente identificados com microchip, e que fizeram o teste de rastreio da displasia da anca. Se os progenitores estiverem isentos de displasia, a probabilidade dos seus descendentes desenvolverem a doença é mais baixa. No entanto, devido aos mecanismos explicados no parágrafo anterior, esta probabilidade não é nula.

02. Se pretender cruzar o seu cão, mesmo que ele não tenha manifestado sinais desta doença até ao ano de idade, informe-se previamente junto do seu veterinário relativamente à predisposição específica da raça e, caso seja indicado, submeta-o ao teste de rastreio da displasia.

03. Se o seu cão tiver um grau de displasia baixo e aceitável, para além de outras características que favorecem ao seu cruzamento, deve procurar cruzá-lo com um exemplar que tenha um grau de displasia igual ou inferior a este, dependendo sempre da classificação a que foi sujeito.

04. Se o seu veterinário, com base na avaliação clínica e radiográfica do seu cão, considerar que este não deve produzir descendência, deve aceitar a sua recomendação. Se o seu objectivo como criador for vender os cachorros, deve ter a visão a longo prazo que lhe permita criar cães saudáveis e, por conseguinte, clientes e donos satisfeitos.

fontes Boletim informativo n.º 6 do Hospital Veterinário do Restelo | www.hospvetprincipal.pt/displais.htm | Artigo de revisão da revista portuguesa de ciências veterinárias | Volume 100 - Nº 555-556 - Julho - Dezembro 2005 "Diagnóstico, controlo e prevenção da displasia da anca no cão" | www.sosdogualemao.com

notícias



Lutas de cães originam pena de prisão até um ano

Os promotores e participantes em lutas de cães podem ser punidos até um ano de prisão, segundo um diploma publicado em Diário da República que permite a reprodução ou criação de animais potencialmente perigosos em locais autorizados.

O Decreto-Lei 315/2009, de 29 de Outubro e que entra em vigor a 1 de Janeiro, agrava a penalização dos promotores de lutas de cães e dos detentores das raças de cães potencialmente perigosos, como o Pit Bull ou o Rottweiler, que não cumpram os requisitos que a lei exige, como o registo e o licenciamento destes animais.

Até ao momento quem não cumpria estes requisitos habitava-se apenas a uma multa entre os 500 e os 3740 euros, para particulares, e mais de 44 mil euros no caso das pessoas colectivas, de acordo com um despacho do Ministério da Agricultura publicado no ano passado.

No preâmbulo do diploma publicado na semana passada, o Ministério da Agricultura reconhece que a punição enquanto contra-ordenação das ofensas corporais por animais de companhia não é factor de dissuasão suficiente, razão por que tipifica agora esses comportamentos como crime.

O despacho de 2008 impunha a esterilização dos animais classificados como potencialmente perigosos, incluindo os resultantes de cruzamentos com raças perigosas, e proibia a sua reprodução ou criação. Neste novo diploma o Governo permite a reprodução em locais devidamente autorizados, com requisitos especiais.

A partir de Janeiro, os detentores de um animal perigoso vão ser obrigados a ter um seguro de responsabilidade civil com vista a cobrir eventuais danos causados pelo animal, ficam ainda obrigados ao que a lei chama de "dever especial" de vigilância,

de forma a evitar que ponha em risco a vida ou a integridade física de outras pessoas.

fonte www.veterinaria-actual.pt



Aquecimento global aumenta período de transmissão da leishmaniose

Estudos desenvolvidos sobre o aquecimento global indicam que há uma tendência para o aumento da transmissão da leishmaniose canina, devido ao aumento do período de actividade dos insectos transmissores. Estima-se que em Portugal este período pode prolongar-se até Novembro.

«Devido às alterações climáticas, a época da actividade dos parasitas tem aumentado e os cães ficam mais susceptíveis e durante mais tempo a contrair infecções, transmitidas pelas pulgas, carraças e pelo insecto febótomo.

É essencial estar atento e prolongar no tempo a aplicação dos produtos anti-parasitários, como por exemplo as coleiras impregnadas de deltametrina recomendadas pela Organização Mundial de Saúde», alerta Rodolfo Neves, médico veterinário da Intervet Schering-Plough.

De acordo com o especialista é essencial que os donos dos animais estejam cientes de que até os cães que passam a maior parte do tempo dentro de casa, podem contrair a leishmaniose. Trata-se de uma doença com evolução crónica e, sem tratamento, pode levar à morte do cão.

Segundo um estudo realizado pelo Observatório Nacional das Leishmanioses, Portugal regista uma prevalência de leishmaniose considerada elevada, com mais de 110 mil cães infectados, 6% da população canina.

fonte www.veterinaria-actual.pt